

OS CARCARÁS: TRAJETÓRIA POLÍTICA E PODER NA CIDADE DE JACOBINA

Carla Côrte de Araújo
Mestranda em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)¹
E-mail: carlacorte@yahoo.com.br

Palavras-chave: Jacobina. Política. Trajetória. Poder.

Jacobina está situada ao norte da Chapada Diamantina, numa região conhecida como “Piemonte da Chapada”, distante 330 km do Estado da Bahia. Ao longo dos anos a cidade se constituiu como pólo agregando em seu entorno vários distritos e mesmo outros municípios. Concentrava inúmeros serviços que eram oferecidos à população urbana e rural, tais quais: assistência médica, educacional, lazer e comércio que contava com importantes casas comerciais atacadistas e varejistas. Foi também durante muitos anos, palco para atuação dos integrantes de um grupo político denominado Carcará.² Nomeada como “*Cidade do Ouro*”, em função da exploração aurífera datada da segunda metade do século XVII, ter se prolongado durante vários anos ocupando atualmente um dos eixos das atividades econômicas na cidade. Nos quatro séculos que separam as primeiras incursões em busca do ouro da Desert Sun Mining, a empresa de capital estrangeiro que hoje gerencia os recursos minerais da cidade, temos variações que refletem períodos de retração acompanhados de outros momentos de intensa exploração.

Foi assim, por exemplo, nos anos 30 e 40 do século XX, quando homens advindos em sua grande maioria da zona rural, dirigiram-se em busca do ouro e do mito do enriquecimento fácil (JESUS, 2005, p. 34). As décadas de 70 e 80 (FARIAS, 2003, p. 20) também testemunharam um intenso fluxo migratório, sobretudo depois de inaugurada a Mineração Morro Velho, em 1982, provocando um deslocamento de pessoas de outras partes do Brasil em busca de um emprego, promessa que também seduziu um significativo número de trabalhadores rurais que enxergavam no trabalho ofertado pela empresa a possibilidade de

¹ Agradeço ao meu orientador, o professor Antônio Fernando Guerreiro, pela leitura e as valiosas sugestões feitas ao longo do texto.

² A escolha do nome para representar o grupo aparece nos depoimentos e em algumas matérias publicadas no jornal *A Palavra*, revelando que a designação de Carcará foi dada pelo advogado João Maximiniano dos Santos, inimigo político e pessoal de Fernando Daltro. Essa classificação intencionava imprimir uma marca negativa que o associasse a um pássaro truculento e comedor de carniça.

terem melhores condições de vida e um futuro mais promissor. As várias matérias publicadas em jornais locais ao longo dos anos produziram uma atmosfera favorável para esse deslocamento, ao ventilar notícias que tratavam dos benefícios e melhorias que seriam inaugurados com a instalação da empresa de extração mineral:

Jacobina será altamente beneficiada, pelo que se espera, quando a UNIGEO passar de fase de pesquisas para o da exploração definitiva das reservas auríferas, existentes nas nossas serras, devido ao grande número de pessoas que terão emprego certo. Atualmente já são muitos os trabalhadores que ocupam no serviço de campo. Além disso, reside nesta cidade um grande número de funcionários vindos de outras plagas, que, de qualquer modo, estão contribuindo economicamente para o desenvolvimento do nosso comércio, ao lado do calor humano que nos empresta a sua presença física. É muito justo, portanto, que nossa cidade dê a essa empresa de mineração acolhida que venha confirmar a sua tradição de boa anfitriã (A PALAVRA, 01 jun. 1974, p. 1).

A exploração do ouro desempenhou um papel fundamental no cenário econômico da cidade, dinamizando as atividades comerciais, aumentando a oferta de trabalho e potencializando o fluxo migratório. A literatura sobre a História da Bahia (FARIAS, 2003, p. 11) identifica quase sempre o desenvolvimento de Jacobina associado à atividade mineradora projetando a cidade nas esferas estadual e federal. Mas, esse brilho ofusca e silencia ao tratar de temas tão caros à exploração do ouro: o cotidiano de trabalhadores cercados pelos perigos e dissabores que se materializam de forma mais evidente na silicose, doença adquirida no ambiente de trabalho da mina e responsável pela morte de muitos daqueles que se arriscaram nas galerias subterrâneas da Mineração Morro Velho (FARIAS, 2003, p. 113).

Reconhecida, sobretudo, pela sua riqueza econômica, a cidade também ganhou destaque no cenário político. Capitaneada por homens, em sua maioria latifundiários e pecuaristas, que usaram esse domínio econômico como estratégia para alcançar espaço nas esferas decisórias de poder, garantindo assim uma autoridade política. A cidade também foi palco de acirradas disputas entre os grupos que pleiteavam lugar e projeção no universo político local. Os conflitos mais significativos datam do advento da República, quando dois coronéis, Ernestino Alves Pires e Galdino César de Moraes disputavam partidários, poder e prestígio. O legado político dos dois chefes tratou de acomodar os seus “herdeiros” em posições contrárias na dinâmica política. Posicionamentos que revelam preferências pessoais orientadas por interesses dessa natureza, pois, com muita frequência os partidos não apresentavam do ponto de vista ideológico diferenças significativas.

Nomes que compõem a sua história ocuparam os quadros da Assembleia Legislativa da Bahia, como o ex-deputado estadual Francisco Rocha Pires, eleito por sete legislaturas. Os irmãos Fernando e Carlos Daltro também exerceram o cargo de parlamentar, tendo o primeiro sido eleito por três mandatos consecutivos, e assumido ainda o posto de Secretário Estadual de Segurança Pública da Bahia durante o governo de Nilo Moraes Coelho, no período de agosto de 1989 a janeiro de 1990. Essa presença de jacobinenses no cenário político estadual nos permite considerar que a cidade esteve representada durante longos anos nas mais altas esferas do poder estadual.

Elemento comum e presente em muitas cidades do interior da Bahia, as diferenças ideológicas entre aqueles que disputam o poder são pouco frequentes (DIAS, 2009, p. 73) e não raro ocorria de um único partido sediar grupos opositores, como foi o caso da ARENA, que desde 1966, fora subdividida em Arena 1 e Arena 2. A direção esteve durante muitos anos entregue a dois deputados estaduais, Rocha Pires e Edvaldo Valois, ferrenhos adversários políticos. As migrações dentro do mesmo partido contribuíram para fomentar os ataques e potencializaram as disputas pelo poder local. Dois casos ilustram o acirramento dos embates: a troca de posição de José Edmundo Coutinho, partidário da Arena 2, e filho do dirigente que, além de figurar no quadro do antigo adversário, integrou a chapa como vice-prefeito na eleição de 1976.

Outro caso que também oferece elementos para pensar esse trânsito entre os grupos foi o que envolveu o ex-prefeito de Jacobina, Gilberto Miranda (1977-1982). Seu rompimento com o grupo Carcará interferiu nos rumos que a política tomaria após essa adesão. Depois da tensão produzida por esse episódio, a organização política da cidade dividida em dois grupos, começa a ser reelaborada, agora contando com o seu apoio, e conseqüentemente com a máquina municipal. A partir dessa aliança com os partidários da Arena 1, é lançado candidato a prefeito o médico Flávio Antônio de Mesquita Marques, que enfrentou o candidato da Arena 2, Carlos Alberto Pires Daltro e venceu as eleições municipais em 1976. Esses exemplos são apenas recortes de uma estrutura política bem mais ampla que se organizou mediante a disputa, negociação e embate entre os seus correligionários.

Os conflitos políticos, com o decorrer do tempo, foram ressignificados em função das migrações, adesões e disputas determinando, desse modo, algumas mudanças que se desenharam no cenário da política estadual. Mas, ainda assim, preservaram elementos que costumam caracterizar os enfrentamentos inscritos no universo de uma cidade de médio porte. A divisão em dois grupos que disputavam o poder local, por exemplo, foi um desses

elementos mantidos ao longo das décadas de 70 e 80 do século XX, constituindo a cidade em cenário para sediar as manifestações de poder e interesses políticos.

Certamente o ano de 1965, pegou de surpresa aqueles mais desavisados. Os sobressaltos políticos faziam parte daquela conjuntura. Basta lembrar que um ano antes o golpe civil-militar havia instituído uma nova forma de governo, respaldada na atuação de militares linha-dura que se colocaram como solução adequada para contradição da sociedade e do governo brasileiro (DREIFUSS, 1981, p. 397). Os rearranjos políticos resultantes da manobra de Estado foram aos poucos se consolidando e na Bahia com toda a sua dimensão territorial iam se interiorizando e provocando algumas mudanças nos organismos políticos locais (DIAS, 2009, p. 70). Mas, a surpresa a que me refiro deve ter sido o tema de intermináveis conversas entre a população local foi a desavença e posterior rompimento entre o advogado e antigo partidário da Arena 1, Fernando Daltro e o deputado estadual Francisco Rocha Pires que desde 1930, contava com o apoio de grupos políticos que assumiram o poder na Bahia, criando as condições para que permanecesse até a década de 70 na condição de líder político local. As razões que orientaram a desavença foram rememoradas em entrevista e revelam questões de ordem pessoal e interesses políticos que, segundo Fernando Daltro, não pareciam ocupar as preocupações do chefe político local:

Cheguei a um ponto de que não poderia mais continuar sendo correligionário dele porque sentia que ele não me dava confiança, que ele não me prestigiava, por que eu pretendia me candidatar a prefeito um dia e estava vendo que essa candidatura nunca seria aceita por ele, diante disso, a partir daquele instante eu não figurava mais do partido dele.³

Esse rompimento redesenhou o mapa da política local e teve como resultado mais imediato a primeira disputa eleitoral de Fernando Daltro para prefeito, um ano após a cisão. Na ocasião, enfrentou o candidato indicado pelo grupo rochista, José Prado Alves, ligado à Arena 1, mas não logrou sucesso nas urnas, amargando a primeira derrota da sua carreira política.

No entanto, as eleições de 1970, reservariam algumas surpresas, sobretudo para Rocha Pires. Ao longo de 40 anos de vida pública conseguiu reunir homens de reconhecido prestígio e tradição, indicando nomes que eram acolhidos nas convenções realizadas pelo diretório, e sendo responsável direto pela escolha de alguns de seus parentes para comandarem a prefeitura municipal. Essas indicações para os cargos públicos bem como seu estilo na

³ Entrevista concedida por Fernando Mário Pires Daltro, 78 anos, em Salvador, 28 maio 2007.

condução e liderança do grupo lhe renderam a designação de coronel, termo que mais tarde, custaria a derrota do seu candidato, o dentista Carlos Gomes. Nesse sentido, a vitória do seu mais recente adversário nas eleições de 70, inaugurou na história política da cidade de Jacobina, a formação e posterior consolidação de uma política dita de “oposição”.

A campanha do candidato vitorioso contou com o apoio decisivo do semanário de circulação estadual, o *Jornal da Bahia* que, inserido nas redes de poder e sustentação construídas possibilitou a sua projeção e destaque. As notícias que se referiam ao grupo como uma nova promessa no cenário político local concorreram para construção do prefeito municipal como um novo líder. Dessa forma, foi largamente explorada e engendrada uma imagem positiva que indicava ter havido em Jacobina “reais” mudanças no quadro político.

Foi frequente tanto no jornal, como nos pronunciamentos divulgados à época pelo serviço de alto-falantes *A Voz da Cidade*,⁴ a construção de um discurso salvacionista, libertador e produtor de verdades que creditou a Fernando Daltro a responsabilidade pela derrocada de um dos últimos focos do coronelismo na Bahia:

Em Jacobina, frisou o Sr. Fernando Daltro, imperava há 40 anos, de modo vitalício, o poderio de um velho coronel, talvez o último do sertão baiano, Coronel Francisco Rocha Pires, verdadeiro ditador que governava sem prestar contas, de modo despótico (JORNAL DA BAHIA, 10 dez. 1970, p. 1).

A produção da imagem de Fernando Daltro como força jovem no cenário político local obedeceu a uma orientação que caracterizaria posteriormente o grupo Carcará, do qual era reconhecido como fundador: a negação e desqualificação do seu adversário. Em sintonia com esse projeto a notícia em destaque é reveladora. O deputado Rocha Pires tem a sua imagem associada à de um velho coronel cansado e desgastado pela ação do tempo. Segundo esses discursos, sua forma de governar já não correspondia às mudanças exigidas pelo tempo e suas práticas políticas caíram em desuso. Adjetivos como “ditador” e “despótico” integram uma classificação tecida para desqualificar o opositor.

O reconhecimento de Fernando Daltro como elemento novo na política de Jacobina foi possibilitado por um conjunto de fatores que concorreram para validar essa construção. A

⁴ O serviço de alto-falantes *A Voz da Cidade* foi durante muitos anos propriedade do músico Amado Honorato. Sua inauguração data do início nos anos 60, funcionando por muito tempo na Rua Bela Vista, nº 34, Centro. Aristeu Pinto de Queiroz, mais conhecido como Bob Silva, foi locutor durante anos e Gidalto Oliveira apresentava o programa “Música e Poesia dentro da noite”. O som era distribuído através de projetores e chegava aos principais pontos da cidade, nos bairros da Estação, Serrinha e Centro. Nesses lugares, as pessoas frequentemente se reuniam para escutar as notícias, a programação musical e no período de eleição os pronunciamentos dos candidatos.

dissidência, o apoio do principal adversário de Rocha Pires, o deputado Edvaldo Valois e a atuação do *Jornal da Bahia* concorreram não apenas para vitória eletiva, mas principalmente para estabelecer um marco divisor na história política da cidade, que reconhecia Fernando Daltro como a esperança e a nova promessa no cenário político local.

Os relatos de memória colhidos para pesquisa em boa medida reforçam esses escritos e revelam os traços da experiência política inseridos nessa noção de mudança que se traduzia no grupo que vencera não apenas uma eleição, mas derrotara um chefe político com uma tradição de mais de quatro décadas na cidade. São essas experiências do passado, que a memória permite atualizar no presente (HALBWACHS, 1990, p. 25) que compõem as lembranças do Pastor Edmundo Isidoro dos Santos, ex-secretário-geral da Prefeitura, na sua narrativa:

Foi eleito com uma votação altamente expressiva, altamente expressiva e com um significado muito grande eu até acho que a política de Jacobina teve essas duas fases importantes antes de Fernando e depois por que na verdade ele derrubava politicamente um líder que era Chico Rocha de prestígio político não só em Jacobina, mas na Bahia, ele foi deputado por oito legislaturas.⁵

A vitória ganhou significados na história política da cidade, sobretudo por ser associada à concretização de um novo governo. Ao romper com as estruturas políticas nomeadas arcaicas e tradicionais, o grupo reconhecia Fernando Daltro como novo líder e dava o primeiro passo para nos anos 80 dominar o cenário político local como uma promessa de renovação e transformação social. Foram esses os primeiros momentos de estruturação do grupo Carcará. O reconhecimento e projeção estiveram respaldados na imagem de oposição a uma política identificada como mandatária e cerceadora de liberdades, contando com um repertório de palavras usadas para defini-lo que garantiam e conferiam legitimidade. Ser Carcará significava, de acordo com essa construção, ser livre, independente e fazer parte da evolução dos tempos, de um novo regime que representava enfim o tão sonhado progresso.

Não à toa essa referência ao passado compôs a análise e investigação do grupo, especialmente por identificarmos que alguns discursos foram reeditados durante a administração municipal de Carlos Daltro (1983-1988), que, com a saída de Fernando Daltro para cumprir mandato parlamentar assumiu a liderança do grupo Carcará.

Invertendo a lógica do tempo linear e cronológico, e forjando com habilidade e engenhosidade eventos do passado para glorificar e enaltecer as ações políticas do seu grupo

⁵ Entrevista concedida pelo Pastor Edmundo Isidoro dos Santos, 75 anos, em Jacobina, 11 maio 2007.

com vistas a estabelecer uma associação com esse “tempo de Fernando”, Carlos Daltro, utilizou o espaço do Jornal *A Palavra* do qual era o proprietário desde 1979, para engendrar a imagem de uma administração progressista e inovadora. Identifica-se, pois uma associação com a campanha de 70 que foi (re) significada e instituída como referência:

Dizem os adversários, ainda murchos e zonzos que Carlos Daltro não fará um bom governo porque não conta com o novo governador. Esta maneira de pensar é enganosa e destituída de um melhor raciocínio. Fernando Daltro foi prefeito quando Antônio Carlos era governador, 1971/72, e fez uma das melhores gestões em dois anos apenas (A PALAVRA, 20 nov. 1982, p. 1).

Respaldado na imagem que fora criada de Fernando Daltro, o seu governo ainda nem tivera início e já ascendia a partir de um ordenamento positivo, reforçado por laços familiares que ligavam os gestores municipais. A sua vitória, assim como a de Fernando Daltro, segundo a matéria, significava para história política de Jacobina um marco progressista que substituiria a gestão anterior, nomeada como despreparada e deficitária.

O semanário, portanto, teve um papel fundamental na montagem do grupo. Através de notícias publicadas semanalmente, com circulação aos sábados, *A Palavra* não só construiu o nome de Carlos Daltro como o único candidato capaz de gerir a cidade de Jacobina, como também concorreu para descaracterizar o governo do seu opositor. Estabeleceu dicotomias que reforçavam as diferenças entre os dois grupos políticos: os Jacus receberam essa identificação, de acordo com os depoimentos, numa espécie de defesa, por ser este um pássaro mais tranquilo que sofria com os constantes ataques do Carcará. O mundo da política em Jacobina a partir da simbologia desses dois pássaros pode ter relação com um mundo animalesco e selvagem. Os Carcarás classificavam os Jacus como pesadões, sem molejo e sem traquejo, na forma de gerenciar a política; estes por sua vez identificavam os Carcarás como um grupo truculento, aproveitando-se de uma imagem já consolidada que associa o Carcará a elementos negativos como a rapinagem e oportunismo ao tratar as suas presas.

Esse fracionamento tratou de acomodar os grupos em posições opostas na arena política possibilitando a construção da imagem de um em contraposição ao outro. Nesse sentido, o jornal operou de modo a selecionar, recortar, classificar e ordenar os ditos de modo a favorecer um grupo em detrimento do outro. Foi um instrumento de poder nas mãos do seu proprietário para publicizar todas as críticas tecidas ao governo do seu adversário. Com esse

propósito é que foi criada a coluna intitulada *E o Couro Come*,⁶ um espaço assinado por um personagem fictício, Geraldo Penna, figura que operava na denúncia do opositor, revelando os bastidores políticos do seu governo:

Geraldo Penna Informa: Domingo passado, quando nos visitou o atual Secretário dos Transportes, o Geraldo Penna “bispu” a fala de um dos pilotos: - Sr. Prefeito, vocês estão de parabéns com este campo, é um dos melhores do nosso Estado. O Prefeito feliz da vida respondeu: Foram eles que fizeram (A PALAVRA, 13 dez. 1980, p. 4).⁷

Podemos então considerar que além de ter a sua trajetória política construída e cuidadosamente montada através das inúmeras matérias publicadas nos jornais ao longo dos anos, os Carcarás, ao engendrarem uma construção negativa para o seu principal adversário concorriam para exaltar as suas qualidades em resposta às fraquezas e ausências do outro grupo.

Pensar essa trajetória política dos Carcarás pode me levar a entender, por exemplo, que no tocante a alguns elementos os grupos em pouco se diferiam. Essa tentativa de estabelecer uma distância foi habilmente construída por esses políticos. Como já foi dito, ambos pertenciam à mesma filiação partidária e com frequência abrigava membros que antes pertenciam ao quadro do seu opositor. Basta um olhar mais atento para identificar no perfil social e cultural desses homens e os pontos de interseção saltam aos olhos: a formação acadêmica nas áreas de direito ou medicina, o poder econômico materializado nas suas imensas propriedades de terra e cabeças de gado, sem contar que tanto Jacus como Carcarás eram representantes de uma elite política que trazia o peso de sobrenomes influentes, uma herança de antigos chefes locais. Fernando e Carlos Daltro eram netos de Ernestino Alves Pires, que foi Intendente da cidade e rico fazendeiro. Já Flávio Mesquita, também compartilhava dessa genealogia composta por “representantes ilustres”, tendo seu avô, ocupado a mesma posição do avô dos Daltro.

Essa conjuntura política ambientada na cidade de Jacobina revela um cenário a ser pensado na sua continuidade e que, mesmo sofrendo rearranjos, ainda preserva o lugar de grupos políticos elitistas na dinâmica social (MOTA, 2000, p. 18). O Brasil experimentou um quadro onde as permanências foram mais significativas que as rupturas. Os seus “passados”

⁶ A coluna *E o Couro Come* era editada na última página do jornal *A Palavra* e publicava semanalmente notas de caráter político que obedeciam à estratégia de desqualificar as ações da gestão municipal do prefeito Flávio Mesquita. Durante o governo de Carlos Daltro, a coluna aparece como espaço para divulgação e promoção das suas ações, estabelecendo sempre que possível um paralelo com o governo anterior.

⁷ In: *A Palavra*, Jacobina, 13 dez. 1980, *E o Couro Come*, p. 4.

ainda não foram resolvidos, pois marcam presença na estrutura política e administrativa os filhos dessas reminiscências.

A cidade, nesse jogo político, se transforma em espaço/lugar de poder, manobrado com vistas a atender determinados projetos de natureza pessoal facilmente verificáveis na ampliação de influência e domínio. Assim, a mudança que sugeria a instituição de um novo momento com a vitória de Fernando e Carlos Daltro foi resultado de uma produção de realidade para validar e propalar uma imagem que os reconhecia como legítimos representantes da mudança, disseminando efeitos de verdade na sociedade de Jacobina. Os jornais atuaram como difusores e construtores da imagem do grupo, cuja dizibilidade e visibilidade (ALBUQUERQUE, 1999, p. 24) estiveram centradas na ideia do novo, do progresso e da renovação dos quadros políticos do município.

Essas experiências do passado, atualizadas com o olhar do presente (MONTENEGRO, 2001, p. 150), reconstroem aspectos diversos de uma história sobre o grupo Carcará que resistem à ação do tempo. Encontramos ressonância desse discurso nas falas de muitos dos moradores locais, que se confirmaram nas narrativas dos depoentes da pesquisa quando se referem ao grupo Carcará, em particular a gestão de Carlos Daltro. A construção de significados e sentidos sobre o grupo, revelada nos depoimentos indica que os irmãos Daltro mudaram o curso da história política na cidade, inaugurando transformações que se traduziram em progresso. As normas de operacionalização e montagem do grupo depositadas em jornais que seduziam eleitores e partidários, engrossando as fileiras do partido parecem ter sido eficientes, pois ainda encontram espaço nas conversas dos moradores. Já as obras edificadas durante o referido governo ainda guardam lembranças do “tempo” de Carlito, quase sempre lembrado como prefeito progressista e renovador.

O reconhecimento que durante anos indicou o governo dos Daltro como um caminho para ruptura e transformação social da cidade de Jacobina foi habilmente construído. No entanto, as melhorias resultantes dessa ruptura e transformação, que deveriam beneficiar a população no contexto histórico de redemocratização que se desenhava na espera federal, foram secundarizadas, não no discurso que se orientou no sentido de validar tais preocupações, mas na prática, pois não avistamos a concretização de políticas públicas que inaugurassem na vida das pessoas mudanças que dessem conta de resolver problemas datados de anos como os referentes às áreas de saúde e educação (CARVALHO, 2002, p. 199). Esse quadro pós-redemocratização anuncia que os ventos responsáveis por mudanças na forma de

governar o país não resolveram com rapidez os problemas de pobreza e desigualdade social, apesar de estarem na agenda do dia de vários políticos.

A análise dos jornais e relatos de memória nos permite compreender que a produção de uma imagem do grupo Carcará e dos seus representantes como saída e ao mesmo tempo como resposta a uma política consolidada e reconhecida ao longo dos anos na cidade de Jacobina é resultado das redes de poder e articulações tecidas naquele contexto histórico que favoreceram e em boa medida possibilitaram o reconhecimento e aceitação do grupo por uma significativa parcela da população local. Nessa perspectiva, identificamos muito mais uma alternância dos grupos que comandaram a política na cidade de Jacobina, revelando uma troca de mando, antes depositado no deputado Rocha Pires, passando para o domínio dos Daltro, sujeitos que comandaram o universo político local/estadual por mais de 20 anos.

Referências

A PALAVRA. Jacobina, 01 jan. 1974.

_____. Jacobina, 13 dez. 1980, E o Couro Come, p. 4.

_____. Jacobina, 20 nov. 1982.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras Artes*. Recife: Editora Massangana, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil um longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DIAS, José Alves. O golpe de 1964 e as dimensões da repressão em Vitória da Conquista. In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (Org.). *Ditadura Militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes*. Salvador: EDUFA, 2009.

DREIFUSS, René. 1964. *A conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1981.

FARIAS, Sara Oliveira. Do garimpo ao desenvolvimento: O brilho do ouro nas serras de Jacobina-Ba. *Revista CLIO*, Recife, n. 21, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado Sertanejo: Garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

JORNAL DA BAHIA. Salvador, 10 dez. 1970.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência Brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

OLIVEIRA, Sara Farias. *Enredos e Tramas nas minas de ouro de Jacobina*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.